

Malan: acordo da dívida não resolve tudo

JOÃO BORGES e ROSSANA ALVES

“O acordo da dívida externa não é suficiente para o Brasil voltar a atrair investimentos para o setor produtivo em larga escala. Os investidores estrangeiros ainda estão cautelosos e guardam uma grande dúvida sobre a economia brasileira: como o Governo vai conseguir superar as dificuldades de financiamento da setor público?”. Quem manifesta tal opinião não é nenhum crítico do acordo da dívida, e muito menos da política econômica executada pelo ministro Marcílio Marques Moreira, mas o próprio negociador da dívida externa, Pedro Malan. Mesmo assim, ele considera viável a hipótese de a entrada de capitais no país este ano, sob as mais diversas formas, chegar aos US\$

20 bilhões previstos por Marcílio.

O rombo do Sistema Financeiro da Habitação, estimado em US\$ 20 bilhões, e a indefinição quanto à forma de pagamento dos 147% aos aposentados, são problemas que deixam os investidores estrangeiros receosos em relação ao Brasil.

Malan acha que a médio prazo os investidores estrangeiros estão otimistas quanto ao futuro do país. Por isso, o acordo da dívida, segundo ele, é um passo importante, mas não pode ser entendido como a solução definitiva dos problemas econômicos brasileiros.

— Acho que o estado de espírito dos investidores pode ser sintetizado naquela frase de Sérgio Buarque de Holanda: “O Brasil ainda vai conseguir organizar sua desordem” — disse Malan.

O projeto de reforma fiscal, que deve ser enviado ao Con-

gresso ainda esta semana, será fundamental para a tomada de decisão dos investidores estrangeiros, acredita Malan.

Mas ele afirma que duas mudanças importantes e definitivas já ocorreram na economia brasileira: a abertura ao exterior e o processo de privatização. Hoje, segundo Malan, ninguém mais duvida de que essas são mudanças irreversíveis.

Apesar da importância do ajuste fiscal, Malan acha não se pode vender a idéia de que, uma vez aprovado o ajuste, todos os problemas estarão superados.

— Em economia, não existe uma batalha decisiva, mas um conjunto de ações que, ao longo do tempo, vai consolidando a percepção da sociedade de que os problemas estão sendo resolvidos — afirmou.

Pedro Malan volta neste fim de semana a Nova York, para

externa
iniciar o processo de redação do **term-sheet**, o protocolo que será submetido à aprovação do Senado, provavelmente no início de setembro. O negociador da dívida diz estar seguro de que o Brasil fez um bom acordo com os bancos credores. E considera sem fundamento as suspeitas de que esse acordo possa fracassar pelo fato de o Brasil não estar cumprindo todas as metas previstas no acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Segundo ele, o FMI já reconhece que o conceito de déficit primário, que não inclui as despesas com o giro da dívida pública, é adequado como critério de desempenho para avaliar o programa econômico, porque é o único que depende exclusivamente da vontade do Executivo. E, por esse conceito, o Brasil vai cumprir o que foi prometido ao Fundo.



Foto de Edivaldo Ferreira

Malan: ajuste fiscal é essencial para a entrada de investimentos externos